

# Formação docente e sistematização de conteúdos sobre as práticas corporais de aventura: uma pauta urgente

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37187669>

Vanessa Alixandre Ferreira\*  
Mariana Araujo Santana\*  
Walter Roberto Correia\*\*  
Diego Luz Moura\*

\*Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, Brasil.  
\*\*Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

## Resumo

As Práticas Corporais de Aventura foram inseridas, pela BNCC, como conteúdo obrigatório para a educação básica. Todavia, existem pouca literatura que tematizam este conteúdo com foco no ensino. Desta forma, nosso objetivo é analisar a produção acadêmica sobre o ensino das práticas corporais de aventura na escola. Realizamos uma revisão sistemática da produção nacional da última década nas principais revistas da área. Ao final, apontamos que a sistematização deste conteúdo para a escola e a formação docente são as principais demandas anunciadas pela produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física; Escola; Práticas Corporais de Aventura.

## Introdução

A Educação Física escolar está inserida em um contexto que envolve muitas discussões. Desde o final da década de 1980, esse debate passa por uma perspectiva voltada para questões sociais e políticas, no intuito de promover uma nova identidade para a área e um novo papel para o professor de Educação Física, frente a esses desafios<sup>1</sup>.

O movimento da Educação Física, da década de 1980, é decorrente de dois fatores: o movimento sócio-político e o processo de redemocratização do país<sup>1-2</sup>. A partir de então, se iniciou um período em que surge uma profusão de propostas pedagógicas para a Educação Física escolar. Entretanto, pouca coisa se fez sobre o ato propriamente dito de ensinar, ou seja, a ação, a prática pedagógica<sup>2</sup>.

O campo da educação física historicamente assimilou diferentes tradições acerca de seus conteúdos. Uma das características foi buscar uma delimitação sobre qual seria a especificidade da área<sup>2</sup>. Neste contexto, acabou se ampliando os conteúdos possíveis e legítimos para ser utilizados na escola. O surgimento do termo de cultura corporal foi um marco por consolidar que os conteúdos da educação

física não poderiam se restringir apenas aos jogos, mas a todas as manifestações corporais historicamente construídas e socialmente compartilhadas<sup>1</sup>.

Devemos olhar com certo estranhamento este movimento, pois se de um lado ele possibilitou ampliar o enfoque dos conteúdos, por outro, ele não colocou limite para aquilo que poderia ser considerado um conteúdo. FENSTERSEIFER e GONZÁLEZ<sup>3</sup> relatam que o campo da educação física vem discutindo quais são os conteúdos e como sistematizá-los para o ambiente escolar, considerando a complexidade e criticidade que os envolvem.

De uma forma geral a educação física, no que se refere aos conteúdos, ampliou sua diversidade, mas ainda faltam esforços sobre sua sistematização. ROSÁRIO e DARIDO<sup>4</sup> apontam que a sistematização dos conteúdos na educação física ainda é realizada com base na experiência de cada professor, pois a área não tem uma produção consolidada, podendo produzir abordagens superficiais.

Neste afã de apontar os conteúdos da área, muitos conteúdos foram reivindicados e dentre estes as Práticas Corporais de Aventura (PCAs). Notemos

que estas manifestações não possuem uma tradição escolar, estando relacionadas com práticas de lazer desenvolvidas nos ambientes da natureza e com aparatos de segurança. O que leva a refletir sobre o que seria aventura na escola<sup>5</sup>. Todavia, este tema foi indicado pela Base Nacional Curricular Comum como um conteúdo para a Educação Física<sup>6</sup>.

As práticas corporais de aventura na natureza se apresentam como uma realidade em nossos dias, ocupando um espaço considerável nos meios midiáticos e nas atividades de lazer<sup>7</sup>. Dessa maneira é possível compreender que a aventura faz parte do cotidiano das pessoas e torna-se uma temática a ser inserida e explorada nas aulas de Educação Física, possibilitando novas perspectivas de ensino. ALVES e CORSINO<sup>8</sup> apontam a necessidade da inclusão nos currículos escolares de atividades contemporâneas e desafiadoras, possibilitando uma maior diversificação dos conteúdos.

As PCAs possuem certo consenso sobre o fato de ser um conteúdo da educação física, mas a partir da BNCC foi legitimado como um conteúdo para a educação básica. BOSCATTO, IMPOLCETO e DARIDO<sup>9</sup> afirmam que a construção da BNCC tem como um dos objetivos garantir que os conteúdos, elencados como essenciais, estejam presentes na Educação Básica para todos os alunos do Brasil.

Notemos que há um certo desafio e inovação na

inserção deste conteúdo. Contudo, temos poucos materiais que tratem deste tema para o ensino nas aulas. Este fato ressalta a necessidade de inserção desta temática na formação inicial, continuada e na construção de materiais pedagógicos, possibilitando maior contato dos professores com o conteúdo e favorecendo sua inserção na escola.

As PCAs possuem características positivas para a formação do aluno como proporcionar novas vivências de diferentes atividades corporais. A Educação Física deve oferecer oportunidades para que o aluno pense, aja, reflita, discuta, critique, se apropriando e agregando valores para sua formação<sup>1</sup>. É neste sentido que NEIRA e SOUZA JUNIOR<sup>10</sup> discutindo sobre a BNCC, apontam o currículo como instrumento que exerce influência na construção da identidade dos alunos. Nesse mesmo sentido, PEREIRA<sup>11</sup> afirma que os conteúdos de aventura inserem novos pontos de vista para a educação física, possibilitando novas reflexões para os alunos a partir destas vivências.

A inserção das PCAs na BNCC é ao mesmo tempo uma forma de reconhecimento deste conteúdo e uma legitimação de sua obrigatoriedade no currículo. Portanto, se torna relevante compreender como a literatura vem tratando este tema. Neste sentido, o objetivo deste artigo é analisar a produção acadêmica sobre o ensino das práticas corporais de aventura na escola.

## Método

A metodologia deste artigo foi uma revisão sistemática<sup>12</sup>. Optamos em realizar uma busca nas principais revistas que publicam artigos no tema da educação física escolar pelo fato que a maior parte destas revistas ainda não se encontravam indexadas.

Os critérios de escolha das revistas foram: possuir publicação na área de Educação Física escolar e classificação no sistema *WebQualis* entre A1 e B2. Assim, as revistas analisadas foram: *Motriz*; *Movimento*; *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*; *Revista*

*Brasileira de Educação Física e Esporte*; *Pensar a Prática*; *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*; *Revista da Educação Física*; e *Motrivivência*.

A seleção dos artigos ocorreu de forma manual, onde todos os títulos dos artigos eram lidos e selecionados aqueles que atendiam aos seguintes critérios: a) Artigos que discutiam a temática de ensino das práticas corporais de aventura na escola e b) Publicações no arco temporal de 2010 a 2016. A busca foi realizada no período de agosto a dezembro de 2016.

## Resultados

O resultado do levantamento dos dados após seguido os critérios de inclusão foram de 8 artigos, distribuídos nos seguintes periódicos. Em seguida, realizamos a leitura dos resumos para assegurar que todos, aplicando os seguintes critérios de inclusão: Após a leitura dos

artigos, apenas 7 foram selecionados para compor a amostra, assim como apresentado na TABELA 1.

Os artigos que foram selecionados para a análise podem ser identificados abaixo no QUADRO 1 de forma detalhada.

TABELA 1 - Número final de artigos encontrados por revista.

Revistas	Nº de artigos
Motriz	2
Movimento	1
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	-
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	-
Pensar a Prática	1
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	-
Revista da Educação Física	-
Motrivência	3
Total	7

QUADRO 1 - Detalhamento dos artigos selecionados para análise.

	Autor (ano)	Título	Objetivo	Metodologia	Resultados
Motrivência	Pereira (2013)	Slackline: vivências acadêmicas na educação física	Analisar as contradições a partir da modalidade Slackline verificando seu potencial para os estudantes de graduação.	Relato de experiência	A avaliação foi valiosa para a aprendizagem, que a técnica de movimentação foi efetiva no processo de ensino e que o desafio proposto atingiu as dimensões procedimentais, atitudinais e conceituais.
	Alves e Corsino (2013)	O parkour como possibilidade para a educação física escolar	Investigar o esporte radical de aventura Parkour, propondo reflexões sobre a inclusão na Educação Física escolar.	Análise documental	O Parkour pode ser um importante tema para a Educação Física escolar, tendo em vista as diversas possibilidades para a contribuição com a formação integral do aluno.
	Bochini e Maldonado (2014)	Andando sobre rodas nas aulas de educação física escolar	Relatar uma experiência sobre a tematização dos esportes com rodas nas aulas de EF.	Relato de experiência	Os alunos alteraram sua percepção em relação aos praticantes de esportes com roda
Pensar a prática	Inácio et al (2016)	Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular	Analisar se o referido conteúdo atende aos princípios da educação básica presentes na BNCC.	Análise documental	Apontam pela importância deste conteúdo e advogam que sua inclusão na Educação Física Escolar deva ser balizada por propostas pedagógicas críticas.
	Manfroi, Ferreira e Marinho (2015)	Por outra educação física escolar: natureza, cultura e experiências na costa da lagoa (sc)	Investigar como ocorrem as aulas de Educação Física na Escola da Costa.	Etnografia	A proposta é inovadora e que não se faz presente na maioria das escolas públicas. Desenvolver mudanças pedagógicas exige a construção de uma matriz epistemológica que oriente e fundamente as escolhas dos conteúdos, a preparação dos espaços e dos materiais e a metodologia a ser desenvolvida, pois atuar com crianças exige cuidados preventivos.
Movimento	Armbrust e Silva (2012)	Pluralidade cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar	Apresentar uma reflexão sobre a inserção dos Esportes Radicais nas propostas pedagógicas escolares.	Ensaio	Os ER podem ser vistos como temas geradores de abordagens transdisciplinares e servirem como ferramenta para professores e disciplinas do currículo.
Motriz	Armbrust e Lauro (2010)	O Skate e suas possibilidades educacionais	Apresentar uma proposta metodológica para organização de um curso de extensão com a finalidade de promover reflexões sobre os processos de iniciação à prática do skate atrelados ao esporte educacional.	Relato de experiência	Apontam que existe um despreparo profissional e poucos cursos de capacitação neste tema. Afirma a necessidade de ampliar o leque de diversidade de conteúdos da cultura corporal.

Os artigos foram agrupados em categorias criadas para tornar a discussão mais didática. As contribuições de cada artigo foram analisadas

através da análise de conteúdo de BARDIN<sup>13</sup>. A seguir, serão apresentados os resultados e as discussões analisadas.

## Discussão

A seguir serão apresentadas as análises dos artigos. Organizamos os principais temas em duas categorias: formação docente e sistematização. As categorias foram construídas após a análise dos textos. Utilizamos esta estratégia para facilitar a compreensão do debate.

### *Formação docente*

Nessa categoria, encontram-se cinco artigos que buscaram relacionar as contribuições da formação docente no processo de ensino aprendizagem<sup>5,11,14-15</sup>. Dentre os quatro artigos, um realizou pesquisa documental, uma pesquisa bibliográfica, relato de experiência e um ensaio. O argumento central está relacionado com a influência da formação docente e as propostas pedagógicas escolares.

INÁCIO et al.<sup>5</sup> analisando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que este documento ao indicar as práticas corporais de aventura como conteúdo obrigatório para ensino fundamental, produz um desafio para as instituições de ensino superior, que precisarão incluir esta disciplina na formação dos futuros professores.

PEREIRA<sup>11</sup> investigou o slackline, apontando seu potencial de ensino para os estudantes da graduação. Participaram do estudo três turmas da disciplina relacionada às práticas corporais de aventura de um curso de Educação Física da cidade de São Paulo com um total de 179 alunos. Os alunos participaram de seis aulas de slackline. O autor utilizou um diário de campo para o registro das aulas, relato de experiência da vivência dos participantes e uma prova prática em que os participantes deveriam atravessar o slackline. De acordo com o autor, o slackline mostrou-se importante por possibilitar que os alunos percebessem que poderiam realizar a atividade de maneira satisfatória. E relata que muitos decidiram trazer essa prática para suas vidas.

Podemos observar com base nestes dois artigos que a formação inicial se mostra importante para a inclusão das práticas corporais de aventura, pois é necessário que os futuros professores tenham contato e iniciem a reflexão sobre este conteúdo.

Todavia, a experiência descrita por PEREIRA<sup>11</sup> esteve mais relacionada com uma vivência dos graduandos do que reflexões sobre o ensino deste conteúdo.

ARMBRUST e LAURO<sup>15</sup> apontam que existem poucos cursos de graduação em educação física e pós-graduações que discutem o tema dos esportes radicais com profundidade. PEREIRA<sup>11</sup> defende a ideia de que o estudo do slackline e sua vivência pode possibilitar ganhos significativos para a formação acadêmica dos alunos de graduação, a partir de mecanismos que estimulem a busca pelo novo e aguce a tomada de decisões. Aponta que a busca da compreensão das práticas corporais de aventura é um caminho de possibilidades para gerar perspectivas relacionadas às dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. Defende que é possível discutir sobre o processo avaliativo diante de situações com o slackline na formação acadêmica e pedagógica.

GOODSON<sup>16</sup> aponta que na falta de acordos acadêmicos, as reformas curriculares acabam gerando um consenso através de atos coercitivos. No caso das PCAs, a BNCC inseriu na pauta da formação inicial e continuada a discussão sobre o tratamento pedagógico deste conteúdo.

A formação inicial é uma área de incertezas, pois nunca se pode antever todos os desafios que o futuro profissional vai ter em sua intervenção. Por isso que a formação continuada deve ser um elemento permanente na vida laboral do professor<sup>17</sup>. Em especial, no caso do conteúdo das PCAs, que apenas se tornou obrigatório para a educação básica após BNCC. Os professores que estão em atuação nas escolas não tiveram a oportunidade de discutir esta temática em sua formação inicial e precisarão de espaços para se apropriar e compartilhar conhecimentos sobre este conteúdo.

Todavia, o modelo de formação deve priorizar formatos que valorizem os dilemas e as realidades dos professores<sup>17</sup>, pois se tivermos formatos tradicionais teremos poucas possibilidades de aproveitamento dos conhecimentos na intervenção do professor.

Os conhecimentos dos professores são poucos utilizados na formação continuada. TARDIF<sup>18</sup> aponta que há uma hierarquização dos conhecimentos, onde os professores muitas vezes são vistos apenas como técnicos que colocam em prática os conhecimentos produzidos na academia. TARDIF<sup>18</sup>, aponta que os professores constroem conhecimentos a partir de suas histórias de vida e das experiências do cotidiano. Ao se tratar de um conteúdo novo em que ainda não existe uma produção consolidada fica mais evidente a necessidade de se valorizar os conhecimentos dos professores.

Podemos perceber que os artigos desta categoria apontam a necessidade de investimentos na formação de professores sobre este conteúdo e reconhecem que os cursos de formação inicial ainda não possuem um debate sobre este tema. É importante marcar que mudanças nas grades curriculares dos cursos de ensino superior não é tarefa simples e pode demorar muito tempo até que uma nova geração de professores tenha se formado e tido a oportunidade de refletir sobre este tema, o que reforça a necessidade de uma formação inicial que auxilie e inspire professores para que este conteúdo seja de fato inserido nas aulas.

### ***Sistematização dos conteúdos***

Todos os artigos do levantamento se enquadram nesta categoria, pois discutem sobre a sistematização dos conteúdos das práticas corporais de aventura para a escola<sup>5,8,11,14-15,19-20</sup>. Os artigos apresentam diferentes metodologias, sendo dois relatos de experiência, três revisões de literatura, uma análise documental e um estudo etnográfico.

BOCCHINI e MALDONADO<sup>19</sup> e PEREIRA<sup>11</sup> apontam que o ensino das PCAs deve buscar aprofundar as três dimensões dos conteúdos: atitudinal, conceitual e procedimental. Sobre os aspectos atitudinais, aponta o desenvolvimento de atividades na qual os alunos sejam os autores das ações, possibilitando maior envolvimento dos alunos com suas ações diárias. Nos aspectos conceituais, associando aos estudos e leituras relativas às práticas corporais de aventura, bem como aos aspectos procedimentais com atividades práticas.

Já ALVES e CURSINO<sup>8</sup>, propõem a sistematização do Parkour baseado em: atividade de aventura, ação e radicais. Os autores se apropriam da pesquisa de PEREIRA<sup>11</sup> aponta uma classificação dos esportes

radicais. Esta classificação é dividida em: locais de práticas, atividades de ação e; atividades de aventura.

A sistematização das práticas corporais de aventura, possui potencial para compor vivências que estimulem o trabalho com o corpo da educação infantil ao ensino médio. Esse conteúdo estimula o interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física, dentro e fora da sala de aula<sup>8</sup>. É importante ressaltar que essas novas possibilidades das práticas corporais de aventura vão ao encontro das novas perspectivas de ensino citadas na BNCC. Este documento aponta as PCAs como um dos conteúdos para as aulas de educação física na educação básica<sup>5</sup>.

Ainda sobre a possibilidade da inserção de novos conteúdos como as PCAs, ALVES e CURSINO<sup>8</sup> afirmam que este conteúdo oferece oportunidades para que os alunos se apropriem de maneira crítica de valores a partir das vivências e que ainda pode combater o desinteresse de alguns alunos pelos conteúdos tradicionais de Educação Física.

Um dos exemplos que ALVES e CURSINO<sup>8</sup>, apontam é sobre o parkour:

A introdução do Parkour como componente curricular, vai ao encontro das novas propostas de ensino, realizando uma releitura das práticas tradicionais curriculares, analisando a criação e a prática de novas atividades contemporâneas ao corpo discente (p. 249).

Assim compreende-se que a partir da prática do Parkour é possível desenvolver novas vivências, pois esta atividade utiliza gestos motores já conhecidos, mas recria de forma desafiadora, criativa e inovadora esses movimentos<sup>8</sup>.

BOCCHINI e MALDONADO<sup>19</sup> realizaram uma discussão sobre a tematização dos esportes com rodas nas aulas de educação física, em uma escola pública do município de São Paulo. A pesquisa compreendeu alunos do 7º ano. Ressaltam a importância de experiências nas aulas de educação física que oportunizem a vivência de atividades fora do contexto escolar. Assim é proposto que temas e práticas presentes no cotidiano dos alunos sejam levados em consideração.

BOCCHINI e MALDONADO<sup>19</sup> apresentam possibilidades do conteúdo de práticas corporais de aventura serem incluído nas propostas curriculares da escola, utilizando as atividades com rodas que segundo os autores, proporciona

aulas diversificadas e inclusivas. Os alunos poderão levar para o ambiente escolar, práticas de lazer que desenvolvem fora da escola, tais como: andar de bicicleta, patins, skate, dentre outros, bem como compreender de maneira mais lúdica e dinâmica a utilização de implementos com rodas como as cadeiras de rodas, utilizadas por alunos com deficiência.

BOCCHINI e MALDONADO<sup>19</sup> realizaram um projeto sobre atividades com rodas, que surgiu a partir de três motivos: observar as práticas faziam parte da realidade dos alunos; tratar das manifestações da cultura e o último discutir questões do trânsito local.

INÁCIO et al.<sup>5</sup>, as PCAs apresentam diversas características que contribuem em uma nova perspectiva da Educação Física na escola, afinal, nas PCAs estão inseridas inúmeras dimensões que marcam a vida moderna em sociedade, tais como: a sociabilização, a cooperação, as técnicas, a democratização (ou não) do acesso, etc.

INÁCIO et al.<sup>5</sup> aponta ainda que:

Quando os alunos apreendem as PCAs como construtos humanos, percebem que as mesmas podem ser reconfiguradas, moldadas, adequadas às suas necessidades, aos seus interesses e às suas possibilidades, independentemente da forma pela qual é realizada hegemonicamente. Tal processo também lhes favorece, então, perceber relações de poder e dominação ali presentes, bem como criar estratégias e agir para sua superação (p. 172).

INÁCIO et al.<sup>5</sup> apontam que as PCAs a BNCC não deixa muito claro os elementos que devem ser socializados, mas reforçam a importância da BNCC inserir as PCAs como um conteúdo da educação física. Os autores ressaltam que as atividades devem ser preparadas pelos professores garantindo a segurança dos participantes. Desta forma, tomado estes cuidados estas atividades podem ser realizadas em qualquer ambiente, adaptando os implementos e espaços para cada realidade escolar. Os autores apontam ainda que a inserção das PCAs deve ser balizada por metodologias críticas que permitam os alunos desenvolver conhecimentos fora do senso comum.

Dessa forma, a BNCC apresenta as diferentes formas de vivenciar as PCAs de acordo com os níveis de ensino e as possibilidades que as mesmas apresentam, assim os alunos podem conhecer as PCA's urbanas, tais como: parkour, skate, patins e a *bike* no 3º ciclo e as PCA's da

natureza, tais como: corrida de orientação, trilhas interpretativas, arborismo, *mountain bike*, rapel e tirolesa, no 4º ciclo. Tal inserção gera uma demanda para que o professor organize estas atividades, bem como assegura que os alunos vivenciem diferentes experiências nas aulas de educação física.

MANFROI, FERREIRA e MARINHO<sup>20</sup>, apresentam as práticas corporais vivenciadas por uma escola de Florianópolis. Nesta escola, o professor de Educação Física ao planejar as aulas envolve os recursos ofertados pela própria comunidade e pela natureza, ampliando a concepção de Educação Física escolar e de cultura corporal. Os autores discutem a necessidade de novas perspectivas de ensino e de uma sistematização dos conteúdos das PCAs. Porém, neste aspecto os autores não realizam uma proposta explícita para o leitor<sup>20</sup>.

ARMBRUST e LAURO<sup>15</sup> propõem reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem das práticas corporais de aventura. Os autores ressaltam como estratégia que os alunos de todas as faixas etárias tenham a oportunidade de experimentar, através de vivências lúdicas e pedagógicas as práticas corporais de aventura a partir da prática do Skate. Os autores afirmam que este conteúdo possibilita aulas mais dinâmicas e prazerosas.

ARMBRUST e SILVA<sup>14</sup> defendem que a prática de atividades radicais, ainda é pouco utilizada pelos professores, fazendo com que os alunos deixem de ter acesso a uma vasta gama de vivências corporais. BOCCHINI e MALDONADO<sup>19</sup> ressaltam que todos os alunos devem ter acesso a práticas. Porém os mesmos não deixam claro uma organização mais sistemática de como realizar tais atividades nem como organizar o conteúdo no currículo escolar escola. Portanto, não é explicitado de forma mais clara a sistematização destes conteúdos, apenas apontam que deva estar conectada com as dimensões do conteúdo e oportunizando vivências lúdicas aos alunos.

Podemos observar que a produção sobre as PCAs ressalta as potencialidades que este conteúdo possui na escola. Esta iniciativa é positiva, pois representa um esforço da área em legitimar este conteúdo no currículo. A principal característica indicada pelos autores se refere ao fato de serem atividades bem diferentes e que isso poderia gerar menos desinteresse nas aulas. Todavia, esta assertiva por um lado parece fazer sentido por se tratar de fato de práticas que têm

sido pouco trabalhadas na escola. Mas, por outro lado, este distanciamento pode promover vivências caricaturais destas atividades por não possuir sistematizações sobre seu ensino.

Os argumentos apresentados pela produção acadêmica analisada reforçam nossa afirmação, pois não há sistematizações explícitas sobre a forma de ensino deste conteúdo. Os apontamentos da produção acabam recaindo em questões didáticas mais gerais como aproveitar o conhecimento do aluno, inserir

discussões conceituais, contextualizar o conteúdo e etc.

Sistematizar os conteúdos é o ato de organizá-los de forma coerente em seus diferentes níveis de ensino. Podemos observar que a produção embora reconheça a necessidade de uma sistematização deste conteúdo para a escola, ainda não consegue fornecer propostas concretas. É necessário um esforço conjunto entre universidade e escola para solucionar esta demanda que já se anuncia como urgente no campo acadêmico e profissional.

## Considerações finais

As PCAs como conteúdo de ensino da educação física foi se inserindo como um conteúdo da educação física escolar. Mas, com a publicação da BNCC ganhou mais legitimidade este conteúdo para a educação básica. Neste levantamento, pudemos observar dois desafios no trato pedagógico das PCAs na escola: a formação docente e a sistematização deste conteúdo.

No que se refere a formação é necessário que universidade e o campo profissional construam ações na formação inicial e continuada dos docentes de educação física para que este conteúdo seja objeto de reflexão e ação dos professores. Todavia, deve-se repensar o modelo de formação para que estes possam ter mais condições de atuar com este conteúdo de maneira pedagógica.

Analisando a literatura pudemos observar que a organização e sistematização dos conteúdos das práticas corporais de aventura ainda não possuem proposições mais explícitas. É necessário ressaltar que a discussão sobre as PCAs ainda é nova no cenário nacional e precisa ser mais bem fundamentada para o entendimento dos professores e conseqüentemente uma melhor organização das suas práticas pedagógicas.

É preciso que universidade e campo profissional construam estratégias de formação. Todavia, sem um esforço de sistematização deste conhecimento, a formação inicial perde sua potência. Logo é necessário que estas duas ações sejam pautadas de forma urgente.

## Abstract

Teacher education and systematization of content on adventure sport: an urgent guidelines.

The adventure sport were inserted by BNCC, as required content for basic education. However, there is little literature that thematizes this content with a focus on teaching. Then, our objective is to analyze the academic production on the teaching of the adventure sport in the school. We carried out a systematic review of the national production of the last decade in the main magazines in the area. In the end, we point out that the systematization of this content for school and teacher training are the main demands announced by the product.

KEYWORDS: Physical Education; School; Adventure sport.

## Referências

1. Moura DL. Cultura e educação física escolar: da teoria à prática. São Paulo: Phorte; 2012.
2. Darido SC. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Kogan; 2003.
3. Fensterseifer PE, González FJ. Desafios da legitimação da Educação Física na escola republicana. Horizontes Rev Educ. 2013;1(2):33-42.
4. Rosário LFR, Darido SC. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. Motriz. 2005;11(3):167-178.
5. Inácio HLD, Cauper DAC, Silva LAP, Morais GG. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. Motrivivência. 2016;28(48):168-187.
6. Brasil. Base Nacional Comum Curricular. Brasília (DF): MEC, Secretaria de Educação Básica; 2017.
7. Moura DL, Soares AJG. Esporte de risco e risco no esporte: uma análise do risco percebido no voo livre. Rev Educ Fís UEM. 2014;25(1):53-65.
8. Alves CDSR, Corsino LN. O Parkour como possibilidade para a Educação Física Escolar. Motrivivência. 2013;(41):247-257.
9. Boscatto JD, Impolcetto FM, Darido SC. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física?. Motrivivência. 2016;28(48):96-112.
10. Neira MG, Júnior Souza M. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. Motrivivência. 2016;28(48):188-206.
11. Pereira DW. Slackline: vivências acadêmicas na educação física. Motrivivência. 2013;(41):223-233.
12. Sampaio RF, Mancini MC. Systematic review studies: a guide for careful synthesis of the scientific evidence. Braz J Phys Therapy. 2007;11(1):83-89.
13. Bardin L. Análise de conteúdo São Paulo: Edições 70; 2011.
14. Armbrust I, Silva SAPS. Pluralidade cultural: os esporte radicais na Educação Física escolar. Movimento. 2012;18(1):281-300.
15. Armbrust I, Lauro FAA. O skate e suas possibilidades educacionais. Motriz Rev Educ Fís. 2010;16(3):799-807.
16. Goodson I. Currículo: teoria e história. 10 ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
17. Imbernón F. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed; 2010.
18. Tardif M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes; 2002.
19. Bocchini D, Maldonado DT. Andando sobre rodas nas aulas de Educação Física Escolar. Motrivivência. 2014;26(43):277-286.
20. ManfroI MN, Ferreira JRP, Marinho A. Por outra educação física escolar: natureza, cultura e experiências na Costa da Lagoa (SC). Pensar Prática. 2015;18(3):675-686.

ENDEREÇO

Diego Luz Moura  
Rua José de Sá Maniçoba, s/n - Centro  
56304-917 - Petrolina - PE - Brasil  
E-mail: lightdiego@yahoo.com.br

Submetido: 23/06/2021

Aceito: 06/07/2023